Engenheiro e Sistémico

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Editor de **ELECTRICIDADE**

A "Última Lição" do Prof. Doutor Manuel José Lopes da Silva, por ocasião da sua jubilação, em 3 de Junho de 1997, com o título "*Diagnóstico Sistémico da Sociedade Pós-Industrial*", acaba de me chegar às mãos, numa edição do Centro de Estudos de Comunicações e Linguagens da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCS) da Universidade Nova de Lisboa (UNL).

O interesse deste documento excede, em muito, os naturais leitores de comunicação social (pois o Prof. Lopes da Silva foi docente de Teoria da Informação na licenciatura de Comunicação Social naquela Faculdade), penetrando no domínio mais vasto da Sistémica, com incursões pontuais pela sociologia, filosofia e política. Além disso, nota-se a base de Engenheiro Electrotécnico, dedicado à implementação da televisão em Portugal desde as primeiras emissões experimentais na Feira Popular de Lisboa (actuais jardins da Fundação Calouste Gulbenkian).

Esses sinais de Sistémica e Engenharia levaram-me a pegar na caneta (ainda me dá muito gosto desenhar as letras que codificam as ideias no papel) e deixar o espírito do momento discorrer sobre os escritos memorizados desde o ano em que conheci o Eng. Lopes da Silva. Foi no Instituto Industrial de Lisboa (hoje ISEL - Instituto Superior de Engenharia de Lisboa), situado na rua Buenos Aires, que o Eng. Lopes da Silva me ensinou Geometria Descritiva, durante o ano lectivo de 1953/54, recém-licenciado do Instituto Superior Técnico (IST) e já com a suavidade de expressão que sempre lhe conheci, em contraste com a rebeldia dos meus 16 anos.

Só vários anos mais tarde, depois de também me ter licenciado em Engenharia Electrotécnica no IST, reencontrei o Eng. Lopes da Silva. Nessa altura era regente de "Electrotecnia Geral" (cujas "folhas" ainda guardo com apreço), para os alunos das licenciaturas de Engenharia

Mecânica, Química e Minas, enquanto exercia a actividade profissional na Radiotelevisão Portuguesa.

No entanto, o nosso convívio apenas se estreitou quando comecei a dirigir a revista **ELECTRICIDADE** e verifiquei que a sua colaboração, com artigos na área das telecomunicações, já vinha de longe. Fiquei, então, a saber que realizara o doutoramento. Mas, a sua presença em tempo parcial na escola superior onde se licenciara não era propícia a ir muito longe na competição, que entretanto se intensificou, entre os novos doutorados em engenharia. Nunca falamos sobre este assunto, mas a impressão que sempre tive é que a actividade profissional (como Engenheiro Electrotécnico) na televisão e o exercício universitário (como docente) não se articulavam. Pelo menos isso era visível na carência de investigação em Portugal quanto às comunicações televisivas.

Daí que não me surpreendesse o alívio manifestado por um professor do IST no juri de concurso para catedrático da FCSH, em 1989, a que concorreu o Doutor Lopes da Silva, quando aceitei a indigitação de redigir o relatório de apreciação do curriculum vitae do candidato. Assim, tive oportunidade de analisar os seus trabalhos publicados e apreço-me da convergência de pensamentos que nos relacionava.

Eu tinha vivido um percurso pouco linear, que me levava um dia a conceber o conceito de Engenharia Sistémica (na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL), algo como antevisão do desenvolvimento tecnológico que daria lugar à globalização dos sistemas no planeta e para além. O Doutor Lopes da Silva, que trocara o exercício profissional de engenheiro pela actividade docente em comunicação social, entusiasmava-se igualmente pelos princípios sistémicos das comunicações (na FCSH da UNL). Afinal, uma raiz comum (a Engenharia Electrotécnica) dava origem a duas

árvores diferentes, que se tocavam na amplidão das suas ramagens.

Esta constatação põe-me a reflectir sobre o artificialismo da separação tradicional entre Humanidades e Tecnologias. Tanto mais quanto é certo que o projecto inicial da Universidade Nova de Lisboa passou pela ideia de integração das duas culturas — infelizmente sem sucesso, já que os professores catedráticos da área das ciências sociais e humanas (Sociologia, História e História da Arte), dominantes na época de 1975/76, não souberam compreender o novo espírito do tempo.

Talvez esse ímpeto de relacionamento próximo tenha surgido nos modos de pensar do Prof. Lopes da Silva, principalmente no dia em que me convidou a ministrar uma aula sobre "robótica" aos seus alunos de "comunicação social". Foi uma experiência muito interessante, que não teve continuidade, lamentavelmente, sobre outros temas mais apelativos para que poderia contribuir. De facto, senti não ter conseguido motivar suficiente atracção para fundir, ou simplesmente aproximar, os dois mundos culturais. É que a diferença das linguagens cria uma barreira difícil de transpor, somente ultrapassável pelo convívio continuado e persistente.

Fiquei então a congeminar uma estratégia de aproximação das duas Faculdades (Ciências e Tecnologia, num lado, Ciências Sociais e Humanas noutro lado). Mas o tempo passa sem nos apercebermos (tal como a água do rio Tejo corre incessantemente pelo meio). Quando me dispus a marcar encontro com o Prof. Lopes da Silva, pensando que poderíamos encontrar margens comuns para delinear um projecto de investigação conjunto, dei com a sua situação de jubilado, feliz por ter cumprido funções num quadro do seu agrado e encontrar o reconhecimento do seu pensamento sistémico.

O exame de António Fidalgo à obra científica de Manuel Lopes da Silva, inscrito no prefácio "*Os Meios e os Fins da Comunicação*" que antecede a Última Lição, representa uma prova dessa notoriedade. E fiquei radiante ao ler como o consideram "um sistémico". Que não conheço igual reconhecimento para outro Engenheiro Electrotécnico. **E**